

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal da Tarde

Class.: 409

Data: 16.02.85

Pg.: 2

1990 **Exército e Polícia Federal na terra dos ianomamis**

Tropas da Polícia Federal, Polícia Militar, Exército já estão na área da serra das Surucucus, no território federal de Roraima, para a operação de retirada dos garimpeiros invasores e resgate dos funcionários da Funai. Nas próximas horas, segundo informação da Superintendência Regional da Polícia Federal, os garimpeiros deverão depor suas armas incondicionalmente.

Segundo a Polícia Federal, os garimpeiros estão completamente isolados numa das extremidades da pista de pouso existente na serra das Surucucus, a mesma que foi utilizada para o pouso dos aviões que levaram os invasores. Na outra extremidade da pista, a uma distância de aproximadamente 300 metros, estão os funcionários da Funai e um destacamento de cinco homens da Polícia Militar de Roraima.

Já foi providenciado o abastecimento de víveres para o pessoal da Funai, enquanto do lado dos invasores todas as tentativas de manter a ponte aérea entre Alto Alegre e Surucucus foram frustradas pelas forças de segurança que estão atuando no caso, com a apreensão de aviões e de combustível.

A força aérea brasileira também participa da operação, que pretende proteger a vida dos funcionários da Funai e também dos próprios garimpeiros, evitando, tanto quanto possível, um conflito armado no local; o que seria prejudicial aos habitantes da região, os índios ianomamis.

Teme-se apenas que os garimpeiros tentem tomar o posto da Funai, protegido por apenas cinco PMs de Rondônia, para usar os funcionários como reféns. Mas as autoridades consideram tal hipótese improvável. Enquanto isso, em função do erro cometido pelos organizadores da invasão em não desativar a estação de rádio SSB existente no

posto indígena da serra dos Surucucus, a Polícia Federal mantém permanente comunicação com o pessoal da Funai. E informa que todos estão bem, apesar do natural estado de tensão existente.

Em Manaus, o presidente da Funai, Nelson Marabuto, admitiu ontem que a invasão da serra dos Surucucus não foi apenas um ato de banditismo, "mas uma operação militar, planejada por profissionais, com o uso de uniformes militares, com armamento pesado e que tem apoio político-empresarial evidenciado, com vínculos de políticos influentes de Manaus e de Boa Vista". Marabuto revelou, inclusive, que já tem nomes dos "políticos influentes" envolvidos com a invasão, afirmando que "se os culpados estão na área do poder Executivo, como nos chegou em Brasília, no escalão que agora procuramos ocultar de vocês, por motivos óbvios, o assunto deve ser aprofundado, doa a quem doer. Isto também é democracia". E mencionou as acusações do deputado federal Morailse Cavalcanti (PDS-RR), que aponta como envolvidos no episódio o ex-governador de Roraima, brigadeiro Otomar de Souza, a vereadora Maria de Lourdes Pinheiro e seu marido, um forte empresário, o fazendeiro Altino Machado. Altino já está preso e responde a inquérito no Departamento de Polícia Federal de Boa Vista.

Marabuto viaja hoje para a aldeia dos Tikuna, no Alto Solimões, onde tentará resolver o problema criado pelos índios que há uma semana mantêm o sertanista André Villasboas como refém, na aldeia de Urique, perto de Tabatinga e Benjamin Constant. Na volta, amanhã, Marabuto alterou o roteiro que previa seu regresso a Brasília e ficará em Boa Vista para acompanhar o caso da serra das Surucucus.

Dez anos de ameaças a um povo condenado

Uma década de ameaças. Assim tem sido a vida dos índios yanomamis nesses últimos anos. A primeira delas foi com a construção da Perimetral Norte, em 1974, que cortou a área indígena e dizimou a população de 13 aldeias, em decorrência do contato com as equipes da construtora Camargo Corrêa — encarregada das obras da rodovia —, sem nenhum esquema de controle de saúde. Os indígenas morreram às dezenas, vitimados por sarampo.

Em 1975, a segunda grande ameaça: os projetos de mineração e prospecção mineral no território dos yanomamis levou milhares de garimpeiros à sua área de sobrevivência e, como de costume, doenças diante das quais os índios estavam indefesos. E o que é mais grave: essas buscas foram incentivadas na época pelo próprio governador do território de Roraima, Ramos Pereira.

— Não posso dar-me ao luxo de conservar meia dúzia de tribos indígenas avançando o desenvolvimento — ele disse.

A partir daí, o Ministério do Interior não teve outra saída, a não ser paralisar a garimpagem na região dos ianomamis — a serra das Surucucus. As companhias mineradoras reagiram e passaram a pressionar o governo para que permitisse a reabertura das explorações na área. Assim, em maio de

1979, anunciou-se que algumas centenas de operários e técnicos em mineração seriam deslocados para a serra, rica em minérios e colocada no coração da região indígena.

Todas essas ameaças fizeram surgir a idéia da criação do Parque Ianomami, defendida por dezenas de entidades nacionais e internacionais, e até mesmo pelo Conselho Mundial dos Povos Indígenas, através da ONU. A proposta foi apresentada, em julho de 1979, ao ministro Mário Andreazza, que três anos depois resolveu interditar uma área de cinco milhões de hectares do Território de Roraima e 2,7 milhões de hectares do Estado do Amazonas para a criação da reserva Ianomami.

Apesar dessas medidas, os nove mil ianomamis que vivem no Brasil — há dez mil na Venezuela, perto da fronteira —, despreparados para reagir a qualquer ataque do mundo dos brancos, parecem condenados a um extermínio mais rápido do que o sofrido pelos krena-kakores, os "índios gigantes", atraídos na década de 70 pelos irmãos Villas-Boas. Recentemente, o missionário italiano Aldo Zacchini, que vive com os indígenas desde 1965, denunciou que "está sendo cometido um genocídio contra a tribo, em consequência de decretos governamentais que permitem a invasão de suas terras".